



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES - CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

ELAINE DE LIMA FARIAS

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA E QUILOMBOLA DOS JOVENS DA
COMUNIDADE CAIANA DOS CROIOULOS: ALAGOA GRANDE-PB**

GUARABIRA-PB

2023

ELAINE DE LIMA FARIAS

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA E QUILOMBOLA DOS JOVENS DA
COMUNIDADE CAIANA DOS CROIOULOS: ALAGOA GRANDE-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a
Coordenação do Curso de História da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
Título de Licenciatura Plena em História.

Linha de Pesquisa: História e Estudos Culturais: Etnia,
Crença, Gênero e Sexualidade.

Orientador: Prof.^a Dr. Waldeci Ferreira Chagas

GUARABIRA-PB

2023

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F224c Farias, Elaine de Lima.
A construção da identidade negra e quilombola dos jovens da comunidade Caiana dos Crioulos [manuscrito] : Alagoa Grande-PB / Elaine de Lima Farias. - 2023.
53 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2023.

"Orientação : Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas, Coordenação do Curso de História - CH. "

1. Caiana dos Crioulos. 2. Juventude. 3. Quilombola. I.

Título

21. ed. CDD 306.90

ELAINE DE LIMA FARIAS

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA E QUILOMBOLA DOS JOVENS DA
COMUNIDADE CAIANA DOS CROIOULOS: ALAGOA GRANDE-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a
Coordenação do Curso de História da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do Título de Licenciatura Plena em História.

Linha de Pesquisa: História e Estudos Culturais: Etnia,
Crença, Gênero e Sexualidade.

Aprovada em: 03 / 07 / 2023.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/DH)



Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Rocha Cavalcanti
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/DE)



Prof^ª Iany Elizabeth da Costa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/DG)

Aos meus pais, familiares e amigos, por todo apoio, que me fizeram escrever este trabalho e concluir o curso, **DEDICO**.

AGRADECIMENTOS

A Deus primeiramente, que me manteve firme e forte nessa longa e difícil batalha, valeu a pena todo sacrifício;

Aos meus pais, Eleonildo e Salete por todos os esforços em prol de que eu realizasse e concretizasse a minha formação superior tão almejada. Jamais esquecerei tudo o que vocês fizeram e fazem por mim, afinal sem vocês eu não seria quem sou;

A Danilo, meu irmão, por todo seu apoio e ajuda em todos os momentos em que precisei, saiba que estou ao seu lado para tudo nessa vida;

Aos amigos, por fazerem essa caminhada ser mais leve, por todos os momentos de alegria, de suporte quando estava aflita, vocês foram incríveis;

Aos companheiros/as de jornada acadêmica, os meus maravilhosos xuxus, que fizeram toda a diferença para que eu conseguisse finalizar o curso, por todos os momentos de descontração, risadas, desafios e partilhas;

A minha amiga Jeorgia Milena, por todo auxílio, conselhos e troca de conhecimentos. Espelho-me muito em sua força de vontade e garra nos estudos;

A Rivânia, por quem tenho um grande apresso, a quem considero como irmã mais velha. Seu incentivo e influência em toda minha formação educacional me fez chegar até aqui e ser quem eu sou hoje;

Ao Professor e Orientador Waldeci Ferreira Chagas por todo suporte, paciência, pelas trocas de conhecimentos, pelas aulas incríveis, as quais me fizeram despertar e descobrir a área de pesquisa que quero seguir por todo. Obrigada professor, por ter me dado a oportunidade de ingressar no seu grupo de pesquisa, o qual sempre desejei.

A todos/as professores/as que passaram pelo meu caminho na universidade, pelas suas contribuições, conhecimentos acadêmicos e de vida. Por me fazerem enxergar que mesmo o caminho da educação sendo árduo é um belo caminho a ser seguido.

“Aqui foi terra de liberdade, foi quilombo de negros valentes, que reconstruíram a vida distante dos olhares da ganância de um poder que os queria permanentemente escravos” (Luiz Zadra, 1997).

RESUMO

Este trabalho tem como tema central a juventude da comunidade quilombola Caiana dos Crioulos, localizada no município de Alagoa Grande, estado da Paraíba. Através da historiografia de autores sobre o respectivo tema e dos conceitos de identidade de Stuart Hall e de tradição de Erick Hobsbaw, o objetivo foi o de analisar e compreender quais elementos culturais, tradicionais quilombolas fazem parte da formação da identidade dos jovens, identificando aqueles que são internos a comunidade, apontando os motivos da falta de interesse pelas lutas e questões políticas sociais da comunidade. A metodologia usada foi à roda de conversa, onde discutimos temas que se interligavam com a realidade dos jovens na comunidade. Os resultados obtidos apontam para os seguintes fatos: os jovens se enxergam e se reconhecem como quilombolas, conhecem suas culturas e tradições. A falta de lugar de fala no contexto da comunidade faz com que não tenham interesse pelas questões políticas relacionadas à existência da comunidade. No entanto, percebemos neles a vontade de mudarem sua realidade e construir um futuro promissor, de modo que sejam socialmente respeitados como pessoas negras e quilombolas.

Palavras-chave: Caiana dos Crioulos. Juventude. Quilombola.

ABSTRACT

This work has as its central theme the youth of the quilombola community Caiana dos Crioulos, located in the municipality of Alagoa Grande, state of Paraíba. Through the historiography of authors on the respective theme and Stuart Hall's concepts of identity and Erick Hobsbaw's tradition, the objective was to analyze and understand which cultural, traditional quilombola elements are part of the formation of the identity of young people, identifying those who are internal to the community, pointing out the reasons for the lack of interest in the struggles and social political issues of the community. The methodology used was the conversation wheel, where we discussed topics that were interconnected with the reality of young people in the community. The results obtained point to the following facts: young people see and recognize themselves as quilombolas, they know their cultures and traditions. The lack of a place to speak in the context of the community makes them not interested in political issues related to the existence of the community. However, we perceive in them the will to change their reality and build a promising future, so that they are socially respected as black and quilombola people.

Keywords: Caiana dos Crioulos. Youth. Quilombola..

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – População escrava na Paraíba (1811-1888).	16
Figura 2 – Comunidades quilombolas certificadas (Paraíba)	19
Figura 3 – Associação de Moradores (Caiana dos Crioulos-PB)	31
Figura 4 – Igreja Católica (Caiana dos Crioulos-PB).....	32
Figura 5 – Mulheres Cirandeiras (Apresentação cultural).....	33
Figura 6 – Museu de Caiana	34
Figura 7 – Livros (Temática negra/racial).....	35
Figura 8 – Restaurante de Caiana (área externa)	36
Figura 9 – Espaço comunitário (pavilhão)	36
Figura 10 –.Casarão	37
Figura 11 – Roda de Conversa (O que é ser quilombola?).....	40
Figura 12 – Exibição de vídeo	41
Figura 13 – Roda de conversa (Tema: escravidão).....	46
Figura 14 – Recepção de boas vindas.....	47

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. COMUNIDADES QUILOMBOLAS NO BRASIL.....	14
2.1 A Batalha por Liberdade.....	15
2.2 A oralidade Afrodescendente.....	20
2.3 O Fim do Cativoiro	22
3. A COMUNIDADE CAIANA DOS CRIoulos: SUA HISTÓRIA.....	28
3.1 Conhecendo Caiana	30
4. A JUVENTUDE DE CAIANA E A CONSTRUÇÃO DE SUA IDENTIDADE	39
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS.....	51

1. INTRODUÇÃO

Segundo Munanga e Gomes (2006), a história da escravidão evidencia que as lutas e organizações, apontadas e designadas como atos de coragem, qualificam as denominações dadas a “resistência negra”, estas variam desde as lutas, protestos, fugas, revoltas, contra as condições desumanas de trabalho e tudo o que o período escravocrata introduziu para os indivíduos negros. O maior sinônimo dessa resistência são as comunidades quilombolas.

Os quilombos brasileiros constituíram-se de táticas de oposição à estrutura escravocrata, neles os quilombolas buscavam formas de vida melhores, uma estrutura social e política em que fossem introduzidos e retirados da posição de oprimidos. Negros e negras encontraram na formação de suas comunidades, a união coletiva e fraterna, com irmãos de luta, que sentiam em sua pele a dor de uma chibatada e das marcas que carregam delas. Ali não existia mais a crueldade, o preconceito e o desrespeito, só a liberdade e buscaram tirar mais de seus iguais dos troncos e das senzalas.

As comunidades quilombolas têm vida e dinâmica própria, através do conhecimento advindo de seus ancestrais, mas que em todo decorrer da história foram desprezadas pela sociedade capitalista e consumista. Sempre ocorreu na história tentativas para dizimá-las. Um bom exemplo é o grande período em que a figura do estado brasileiro as colocou a margem, ou seja, no esquecimento, não dando a essas comunidades os mínimos direitos, como a de seus territórios e até mesmo a negação de suas práticas culturais e tradições. Fartos desse abandono, a partir de 1988, seus integrantes se organizaram para reivindicar com mais intensidade do estado políticas públicas voltadas para as comunidades, como a garantia do direito de viver nas terras nas quais nasceram, poder cultivar a cultura dos seus ancestrais, ter acesso à educação, saúde, lazer e a uma renda digna.

Através da constituição cidadã, promulgada em 1988 foi certificada aos moradores das comunidades negras, o direito para se autoafirmarem como quilombolas e conseqüentemente o direito em continuarem em seu território, onde sua história, vinda de seus antepassados foi escrita. Assim, o território, se configurou como a principal pauta da luta das comunidades negras, pois mesmo ao se declararem quilombolas isto não os davam o direito convicto sobre o território, sendo necessário obter à certificação oficial como quilombola, o que leva anos para se conseguir.

Após 1988, comunidades negras espalhadas pelo Brasil foram postas a escanteio pela sociedade e estado, mesmo as que se autodeclararam quilombolas, e que deveriam ter acesso as políticas públicas. Essa condição veio a melhorar a partir de 2003, quando o governo pensou em

políticas públicas para as populações negras e quilombolas. Essas políticas deram a essas pessoas o mínimo de dignidade. Pois a partir de então, passaram a dispor de postos de saúde, escolas, garantia territorial, usar as terras para o cultivo da agricultura necessária a sobrevivência dos comunitários, além de poder viver, cultivar suas manifestações culturais, de acordo com a identidade de cada comunidade e as características locais.

Ser quilombola está relacionado com a vivência no território, com a história, com as manifestações culturais que são próprias deles/as, as quais passam por modificações durante o tempo. Ou seja, a comunidade está sempre em transformação, não só seu espaço mais também os indivíduos.

À medida que se reconhecem como herdeiros de Zumbi dos Palmares, as comunidades quilombolas são espaços que consiste e vive a resistência cultural, social, política e humana, afinal a luta contra o racismo e em busca de melhoria para suas condições de vida é diária. Esse processo é permanente e contínuo, e através dele os indivíduos constroem suas identidades como negras e quilombolas. Nesse contexto, qual é o lugar dos jovens na comunidade, como constroem suas identidades como pessoas negras e quilombolas?

A partir dessas indagações, o objetivo desta pesquisa¹ é analisar os elementos que possibilitam aos jovens construir e fortalecerem os seus vínculos com a comunidade. Neste sentido, buscou-se apresentar as seguintes questões: são os elementos culturais, naturais, turísticos os formadores da identidade quilombola? Que elementos vivenciados no interior da comunidade possibilitam aos jovens o acesso à história, cultura e a tradição quilombola? Quais elementos são responsáveis e estão presentes na sua formação como pessoa negra e quilombola, e qual seu papel na comunidade?

Para tanto, escolheu-se a comunidade Caiana dos Crioulos, localizada no município de Alagoa Grande- PB, espaço com grande riqueza cultural, cujos moradores são guardiães da cultura afro-brasileira, visto que suas práticas culturais, histórias, revelam suas identidades quilombolas e negras constituídas através da relação com o território e os ancestrais, os quais são extremamente importantes para se compreender não só a história deste espaço, mais da Paraíba e do Brasil. O grupo social selecionado para o desenvolvimento da pesquisa foram os jovens da comunidade, um total de 10 com idade entre 15 e 22 anos. Decidimos trabalhar com os jovens por eles terem sido apontados pelas lideranças comunitárias locais com baixa

¹ Pesquisa relacionada ao Projeto de Extensão: **Revela-me e Não te Devoro: juventudes e identidades em Caiana dos Crioulos - Alagoa Grande – PB** desenvolvido em 2022, na comunidade quilombola Caiana dos Crioulos, e coordenado pelo Professor Waldeci Ferreira Chagas, do qual fui monitora bolsista.

participação nas discussões políticas e nas lutas por melhores condições de vida na comunidade, visto que muitos nessa idade migram para os centros urbanos, a maioria para o Rio de Janeiro, deixando a comunidade. A preocupação das lideranças políticas de Caiana com a saída dos jovens é compreensível, pois estes dependem da existência da comunidade e das suas tradições, cultura e lutas sociais. Para a construção deste trabalho a metodologia utilizada foi às rodas de conversa. Usamos desse mecanismo como metodologia, por ele ser perceptível as práticas culturais da comunidade, a exemplo das celebrações religiosas, as danças tradicionais, e as reuniões onde se discutem qualquer assunto relevante à comunidade. As rodas de conversa ocorriam após a exibição de um vídeo com tema relacionado aos quilombolas. Nelas eram debatidos os conteúdos presentes no vídeo, os quais estavam relacionados com a comunidade, de modo que os fizessem perceber e assim apontar os pontos que os aproximavam e os distanciavam.

Conforme a metodologia utilizada, as ações se desenvolveram numa via de mão dupla. Os instigamos a falarem o que queriam, de como gostariam que a ação/pesquisa e as conversa ocorressem, mas de início os jovens ficaram boa parte do tempo calado, pois como vinham de uma prática de pouca participação nas discussões das questões da comunidade acabaram aprendendo a sentar e ouvir, o que se refletiu nas primeiras atividades desenvolvidas. Desta forma, as rodas de conversa se constituíram em um primeiro momento, ou seja, no exercício deles desenvolverem a fala, participarem de forma ativa da construção prática de uma atividade, por menor que fosse como foi o caso de se apresentarem, falarem seus nomes e idades. Isso os tirou de sua zona de conforto, ou seja, do lugar de ouvinte e os colocou no lugar de protagonistas, pois tiveram que expor seus pensamentos, e dar opiniões. A partir dos fatores ora mencionados, esta monografia foi estruturada em três capítulos. O primeiro capítulo traz uma discussão sobre comunidade quilombola a partir da historiografia, dando ênfase a formação dos quilombos e das comunidades quilombolas no Brasil, o que pesquisadores dizem sobre essas comunidades e suas formações. O segundo capítulo aborda sobre a comunidade Caiana dos Crioulos, sua organização, condições de vida e cultura quilombola, as condições de vida nesse espaço, o que é ser quilombola, as manifestações culturais existentes na comunidade e o que elas significam. O terceiro e último capítulo, discorre sobre a juventude quilombola em Caiana dos Crioulos, e analisa as condições dos jovens na comunidade, o que fazem, as suas participações e mobilizações políticas, de como se enxergam e constroem sua identidade? Negros e quilombolas?

Por fim, entendeu-se por meio da pesquisa a necessidade de reafirmar a cultura e identidade negra e quilombola dos jovens de Caiana dos Crioulos, visto que eles são o presente

político, cultural, social da comunidade. Logo, a necessidade de garantir-lhes o lugar de fala e espaço na comunidade, os dando o livre arbítrio para executar práticas, ações em prol da comunidade, os ouvindo e dando importância as suas opiniões, levando-os a reconhecerem sua identidade em conexão com a comunidade, com todas suas lutas, e se enxergarem pertencentes a Caiana não só por terem nascido neste território, mas por se autorreconhecerem pertencente, ou seja, se identificar com Caiana e com os seus ancestrais.

2. COMUNIDADES QUILOMBOLAS NO BRASIL

A Lei Áurea, assinada em 1888 pela Princesa Isabel, não significou a extinção da desumana escravidão que ocorreu por mais de 300 anos no Brasil, muito pelo contrário: os sujeitos negros livres não foram reconhecidos cidadãos e nem incluídos como trabalhadores assalariados (MACENA, 2010). A abolição da escravidão trouxe aos negros poucos avanços sociais e econômicos, sobretudo, nas suas condições de vida.

Sem criação e implementação de políticas públicas designadas para à reimplantação na sociedade como cidadãos, os ex-escravizados foram esquecidos, tendo como única opção a ocupação de espaços que constituem hoje as periferias e também as zonas rurais do Brasil, onde os quilombos começaram a surgir. O surgimento, segundo Delfino e Cunha Júnior (2018), se deu como forma de protesto e resistência a escravidão. Tratados como meras mercadorias, fugiam das terras de seus senhores e formaram os quilombos, junto aos seus irmãos de luta em busca do fim da escravidão e da tão sonhada liberdade.

Os escravos negros, para resistirem à situação de oprimidos em que se encontravam, criaram várias formas de resistência, a fim de se salvaguardarem social e mesmo biologicamente, do regime que os oprimia (MOURA, 2020, p.19).

O melhor significado que podemos dar aos quilombos é o de resignificação. Ao suportar toda crueldade posta pelo período escravocrata e por jamais deixarem de lutar pela sua liberdade, de lutar contra toda opressão, contra o tronco e o chicote. Os quilombos foram e representam a revolução, com seu legado de luta para conquistar sua liberdade. De acordo com o autor, os quilombos sempre existiram em todo território nacional, vindo a se espalharem de forma intensa no período colonial.

Com uma estruturação sólida, muito diferente da imagem que os senhores e o governo implementaram, os quilombos, em seu desenvolvimento interno, eram bem prósperos. Sua unidade produtiva não era composta somente pela agricultura, mais também pela prática da tecelagem, da metalurgia e do escambo (op.cit, 2020). Obtinham uma boa indústria de guerra, com a fabricação de produtos de alta defesa, a exemplo de arcos, flechas, e de armadilhas, as chamadas valas.

Segundo o autor citado, a produção econômica era limitada, pois dependia das possibilidades ecológicas locais e da disponibilidade de matéria-prima e sementes existentes no território. Não havia a possibilidade de viver em uma economia coletora e não se limitavam a

uma economia monocultora, mais a policultura, com uma agricultura comunitária, tudo produzido por todos/as pertencia a todos/as.

Com uma economia anticapitalista, os quilombos eram um espaço autossustentável, não precisavam do estado para sua sobrevivência. Assim é possível compreender as repressões dos grandes senhores e do estado para aniquilá-los: não estavam sobre controle do estado português e nem das autoridades brasileiras.

2.1 A Batalha por Liberdade

As lutas, organizações e campanhas abolicionistas desencadeadas pelos negros tiveram repercussão de caráter nacional. No norte, destacou-se a província do Ceará, Amazonas, as quais aboliram a escravidão em 1884, enquanto Areia localizada na província da Parahyba do Norte, pois fim a abolição em 1888, dez dias antes da nacional (MACENA, 2010). Os caminhos dados por essas províncias para a abolição pioneira advêm de vários fatores. Apesar da existência das Leis Eusébio de Queiroz (1850) e do Ventre Livre (1871) ainda existia a escravidão. Na província do Ceará e do Amazonas, os responsáveis pelo transporte náutico de escravizados negros para outras regiões do Brasil, entraram em greve. No Ceará os chamados Jangadeiros, em 1881 e no Amazonas os Catraieiros, em 1883 (MOTA, 2019).

O anseio abolicionista cresceu também na sociedade de Areia, estado da Paraíba. Com o apoio de pessoas brancas, negros livres, ex-escravizados e da grande influência da imprensa local, o ativismo foi posto em prática, de forma gradual. Segundo Resende (2018) entre 1860 e 1870 a defesa da alforria para a população escravizada era ardua. Ganhou força no princípio da década de 1880, com setores também excluídos pela sociedade como mulheres, negros livres, artistas, escravizados negros que antes não apoiavam, deram as mãos em prol desta luta.

Diversos motivos foram dados como explicação para a abolição prematura, como o crescimento do ativismo dos abolicionistas que criaram articulações com o movimento nacional e o papel secundário dos escravizados negros na economia local. No Ceará, por exemplo, a base de sua economia local era a pecuária, e a mão de obra livre e pobre, dos indígenas era usada paralela com a dos escravizados negros. Em comparação com outras províncias do Norte, Nordeste do Brasil, como a de Pernambuco, essas províncias obtiveram um número de escravizados inferior. A província da Paraíba, por exemplo, teve seu apogeu em números de escravizados em 1851, com aproximadamente 20% (28.546) de escravizados, como demonstra o gráfico abaixo:

Figura 1: Pouplação escrava na Paraíba (1811-1888)
População de negros escravizados na Paraíba antes da Lei Áurea



Fonte:G1– <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/cidade-da-paraiba-aboliu-escravidao-antes-da-lei-aurea-em-1888-diz-pesquisador.ghtml>

Desta forma, os senhores muitas vezes enxergavam a venda, aluguel de seus escravizados, a exemplo de mulheres alugadas para serem amas de leite, homens para trabalharem em lavouras em outros estados, como um bom negócio para não deixar de obter lucro e nem sair no prejuízo, já que a população escravizada se encontrava cada vez mais escassa.

Os fundos arrecadados por campanhas criadas por abolicionistas para a compra de cartas de alforria também foram importantes para a efetivação da abolição precoce. Mas havia um lado sombrio na alforria. Muitas das “liberdades” (RESENDE, 2018), eram dadas pelos senhores sob certas condições. O senhor exigia de seu escravizado uma “indenização” em troca de sua liberdade e de que o mesmo continuasse a prestar serviços em sua propriedade na agora condição de servo em troca de comida e moradia. O escravizado pagava por esse antônimo de liberdade, já que a sociedade não dava nenhum tipo de suporte para esses homens quando livres, como políticas públicas voltadas para a sua inserção na sociedade, vinham assim, como melhor e única opção, adquirir sua alforria se assim pode-se dizer nesses termos.

Após 1888, os quilombos foram reforçados como sinônimo de resistência e luta, não só por direitos humanitários concedidos aos sujeitos de pele clara, mais pela resistência de sua cultura e tradição, tão violentada através do escravismo perverso. A resistência se manteve ao longodahistóriado Brasilechegouàcontemporaneidade com a fortificação do movimento negro na década de 1980. Esse movimento trouxe à tona várias reivindicações da população negra,

entre elas a revisão da memória e identidade nacional, o que levou os estudiosos a reverem os estudos referentes à escravidão e a abolição, no sentido de que fosse posta as ações desencadeadas pelos escravizados em prol da liberdade e posteriormente a luta por cidadania; exterminando assim a imagem de que o fim da escravidão resultou da “bondade” da Princesa Isabel ao assinar o decreto que libertou as pessoas negras do jugo da escravidão; perspectiva durante anos reproduzida nos livros didáticos de História, mas que aos poucos está sendo questionada e mostrada a face desumana do sistema escravista, sobretudo, a violência e crueldade cometida contra os escravizados. Outra perspectiva da história das pessoas negras está sendo escrita e nela se ressalta a resistência do escravizado por liberdade, o que se fazia por meio de revoltas, insurreições, guerrilhas e das fugas, que resultou na formação dos quilombos (MATTOS, 2006).

A revisão da memória e da sociedade brasileira no que se refere a história do negro, da abolição e da escravidão evidenciou o escravizado como ator social, ou seja, sujeito da própria história e que lutou pela sua liberdade (id, ibid). Essa perspectiva de compreensão é extremamente importante para a história do Brasil, sobretudo, porque por muitos anos a sociedade brasileira tentou anular a participação da população negra na formação do Brasil em vários aspectos.

As fugas e as rebeliões ocorridas tiveram como objetivo a garantia da liberdade, de um trabalho digno e humano, onde o preço a se pagar não fosse com a vida, pois o escravo que vinhesse a falecer era no mesmo instante substituído por outro “importado”(MORAES, 2023). Muitas revoltas foram organizadas e executadas por africanos que tinham acabado de chegar a solo brasileiro (MATTOS, 2006) e a elas foram incorporados os negros nascidos no Brasil, os chamados crioulos.

A relação do escravizado com a senzala e com o quilombo era recorrente, sobretudo, porque os escravizados fugidos ao formarem os quilombos, partiam para as senzalas no sentido de trazer outros. Esta relação repercutiu na escravidão e na abolição da mesma no Brasil, visto que os escravizados estavam atuando no sentido de tornar-se livre. Além das prisões que foram criadas no período colonial exclusivamente para prender os negros, o papel da lei para os que fugissem das senzalas era um só:

Eu El-Rey faço saber [...] passando saber se juntar em quilombos [...] a todos os negros [...] se lhes ponha com fogo, uma marca em uma espádua com a

letra F, [...] e se quando se for executar esta pena for achado já com a mesma marca, se lhe cortará uma orelha [...] (MOURA, 2020, p.33).

A historiografia contemporânea tem se debruçado sobre a história dos escravizados, sobretudo, no sentido de compreender o processo de luta por liberdade, o que fez surgir o movimento abolicionista, desmistificando assim a ideia de que o fim da escravidão foi bondade de uma princesa branca. Não negamos que a Princesa Isabel assinou a Lei Aurea, no entanto, o escravizado contribuiu com esse processo, sobretudo, porque vinha se mobilizando através das fugas, formando os quilombos, realizando rebeliões nas senzalas e em qualquer área da sociedade que ocupava.

As comunidades remanescentes quilombolas são frutos desse processo; localizadas nas zonas rurais e também em centros urbanos, passaram a serem vistas pela sociedade brasileira após 1988 e compreendidas como espaços de descendentes de antigos quilombolas. Ainda que suas histórias estejam entrelaçadas a história da escravidão no Brasil, e aos mecanismos de resistências outrora deflagrados pelos negros, elas precisam ser reconhecidas pelo estado brasileiro como espaço tradicional e pertencente aos negros, o que se constitui outra luta.

Na contemporaneidade a luta do povo negro é para obter o reconhecimento e a propriedade dessas terras em que se localizam os quilombos. Com a fortificação do movimento negro na década de 1980, as comunidades quilombolas se destacaram e ganharam visibilidade.

Referindo-se as questões da conquista das terras coletivas, foi aprovado na Constituição de 1988 o artigo 68 que assegura aos remanescentes das comunidades quilombolas o direito a terra através da autodeclaração como quilombola, conforme enunciado no trecho abaixo:

A caracterização dos remanescentes das comunidades dos quilombos será atestada mediante autodefinição da própria comunidade [...] entendendo-as como étnicos-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida (MATTOS, 2006, p.106).

O reconhecimento desse espaço, desse povo era inegável, eles “existem” para o estado brasileiro, agora não como terra de preto, mais como quilombola.

Segundo dados da Cecneq (2023), existem na Paraíba, 45 comunidades quilombolas certificadas, localizadas em municípios a exemplo de Santa Luzia, Gurinhém, Ingá, Conde, Cajazeiras, Riachão do Bacamarte, João Pessoa, Alagoa Grande e etc.

Figura 2: Comunidades Quilombola Certificadas na Paraíba



Fonte: Cecneq – <http://quilombosdapaiba.blogspot.com/p/mapas.html?m=0>

As comunidades remanescentes quilombolas não só refletem a resistência a tudo que a escravidão significou, mas no auxílio para seu povo entender e enxergar a vasta contribuição africana na construção da cultura brasileira. Uma missão árdua visto que as suas tradições estão em constante adaptação as mudanças trazidas pela contemporaneidade, sem perder é claro seus princípios e valores.

Pós 1888, os quilombos continuaram a representar força. A luta dos ex-escravizados, ex-fugitivos ainda não tinha sido finalizada. Com a abolição, era necessário lutar contra todo o preconceito em torno deles, desde as questões raciais á direitos comuns de um cidadão, para tanto, realizaram movimentos com a finalidade de buscar o reconhecimento de sua dignidade (LEITE, 2017, p.64).

A partir de então o movimento quilombola, lutou de forma brava contra a exclusão, isso desde o fim da escravidão, sobretudo, porque a principal luta do negro era a garantia de direitos

sociais, como o direito a terra, sobretudo, porque:

Os ex-escravos foram abandonados à própria sorte. Caberia a eles, daí por diante, converter sua emancipação em liberdade efetiva. A igualdade jurídica não era suficiente para eliminar as enormes distâncias sociais e os preconceitos que mais de trezentos anos de cativo havia criado. A Lei Áurea aboliu a escravidão mas não seu legado. Trezentos anos de opressão não se eliminam com uma penada. A abolição foi apenas o primeiro passo na direção da emancipação do negro. Nem por isso deixou de ser uma conquista, se bem que de efeito limitado (COSTA, 2008, p.12).

A sociedade não incluiu os negros. Ainda que a República tenha sido proclamada, não representou prosperidade para os libertos, pelo contrário, os excluiu do exercício da cidadania. Um exemplo disso foi o fato de a constituição de 1889 ter negado ao negro o direito ao voto, assim como aos analfabetos, o que excluiu uma boa porcentagem da população brasileira do direito de votar e ser votado, visto que a maioria era de pessoas negras e analfabetas.

2.2 A oralidade Afrodescendente

A oralidade em conjunto com a memória, tem um papel fundamental em uma comunidade quilombola, pois é por meio desses dois mecanismos que as comunidades repassam seus costumes, crenças, suas histórias de geração para geração, não por documentos, mais sim pela memória e oralidade, dos mais idosos aos mais novos, pois a história não só existe pela via documental. Deste modo, a memória e as histórias de que dela surgem é um elemento crucial para todo indivíduo quilombola, e é encontrada na cultura da comunidade através da oralidade, nos costumes e nas filosofias locais. Logo, não há história quilombola sem memória entrelaçada à oralidade, pois as lembranças e vivências culturais não são passadas pelo lugar, espaço onde a comunidade se localiza, mais pela sua herança ancestral afrodescendente, ou seja, sua memória, como é citada no trecho abaixo:

A tradição negroafricana transmite o essencial. É um sistema de auto-interpretação. Através da tradição oral, a sociedade explica-se a si mesma... A história falada dos africanos se aproxima de uma verdade ontológica, ou mais exatamente, ela fixa o olhar do homem nas questões ontológicas ignoradas pela história científica das sociedades europeias (ZIÉGLER, 1971, p.163)

Deste modo explica-se a presença da tradição da oralidade nos costumes, hábitos e tradições nas comunidades quilombolas e em terreiros de candomblé, pois é desta forma que a herança cultural negra e quilombola resistem. Acerca dessa questão Altuna (1985) pontua:

Se não surge quem continue, recolha e guarde o tesouro da sabedoria negra, acumulada durante milênios, há perigo de há perder, pois; conserva-se, apenas em alguns homens que brevemente vão desaparecer para sempre (ALTUNA, 1985, p.38).

A oralidade afrodescendente vai muito além do resgate cultural do indivíduo negro e quilombola, é o reconhecimento de sua própria identidade, tanto na esfera coletiva quanto na individual, é enaltecer a sua cultura, compreendendo os elementos de sua ancestralidade que compõem a história, costumes de sua comunidade, do espaço que se vive, para que deste ponto enxergue os elementos que contribuíram para sua formação pessoal, percebendo todo impacto e importância que a afrodescendência tem na formação de todos os aspectos da sociedade brasileira.

Assim é o papel que a oralidade busca alcançar nos jovens quilombolas, visto que é através deles que toda luta pelo reconhecimento da importância cultural afrodescendente, de sua resistência para que seus costumes e tradições sejam atemporais, irão se suceder, afinal, antes de tudo, este jovem tem que se auto reconhecer, se compreender como quilombola e qual impacto disto em sua formação.

Graças à oralidade é que se manifesta a memória e identidade do povo negro, quilombola. A oralidade origina-se dos mitos, não deixando de mencionar que sua historicidade não é só perpetuada por este princípio, há um grande material literário, mais também se perpetua no contexto que marcou a colonização do Brasil. Deste modo não seria possível que as tradições e cultura afrodescendente continuassem a existir no nosso país se não fosse à oralidade.

A palavra mito pode possuir certa incerteza em qualquer informação que traga, mais no aspecto aqui abordado não representa em nenhum ponto uma mentira, é somente o meio de percepção para descrever os conhecimentos do povo quilombola, como por exemplo, as parábolas, contos, adivinhações etc. O mito usa desses e de vários outros mecanismos para repassar o conhecimento coletivo de forma lógica. Como afirma Vansina (2010):

O mito na tradição oral pode ser definido, de fato como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra [...] Um tempo está partindo. Outro está chegando. Um dia vai e outro vem; os da frente (os anciões) estão indo. Os de trás (os Jovens) os estão seguindo (VANSINA, 2010, p.14).

As particularidades do mito na tradição afrodescendente:

[...] não se fazem somente explicativa, mas também simbólica, o mito retrata também a crença e suas particularidades e também como tudo vem se adaptando e estruturando através do tempo e espaço, por meio dos princípios apresentados também nos mitos estão contidos a argumentação lógica ou a dedução reflexiva e lógica como especificidade filosófica do pensar, desta forma o mito se tornou uma forma de registro com objetivo e subjetividade (DELFINO, 2018, p.162).

Os mitos, como parte da oralidade e memória de uma comunidade quilombola, são contados pelos mais velhos, que passam para as crianças e jovens as histórias e lendas que fazem parte do universo cultural e imaginário quilombola, ou seja, ao transmitir o mito, como aborda Delfino e Cunha Júnior (2028) está se assentando a verdade da comunidade pela descoberta do mistério. Essa tal concepção em uma comunidade quilombola é um elemento de grande importância, pois dele nasce a coletividade, que se mantém através dos costumes, e traz para o indivíduo e a comunidade a noção de ciclo de um quilombo, e desta depende não só do resgate e resistência, mas a perpetuação da cultura, costumes, tradições afrodescendentes, mais também a subsistência do espaço, o que advém da ação coletiva, evidenciando assim a relevância da prática coletiva nos grupos sociais, dentro e fora da comunidade quilombola.

2.3 O Fim do Cativo

Embora não tenha sido o único formato de luta contra a escravidão, os quilombos são a configuração mais importante em termos de resistência. É um movimento tipicamente organizado pelos escravizados e sua formação ocorreu de forma lenta pelo fato de as fugas dos sujeitos que passaram a compô-lo ocorrer de forma individual ou em grupos com poucos indivíduos. Mas os quilombos também se originaram de revoltas de caráter coletivo, a exemplo do quilombo mais famoso de toda a história do Brasil, o quilombo dos Palmares, que se transformou em uma federação compostas por vários agrupamentos (REIS, 1996).

A base originária dos quilombos advém dos levantes, fugas, revoltas, realizadas nas fazendas, campos, engenhos etc (op.cit.). Muitas vezes os quilombolas adentravam em território inimigo para realizar levantes e auxiliar na fuga dos escravizados que integrariam a comunidade, os fortificando ainda mais. O simples fato de existirem era vistos pelos senhores; autoridades, como a própria revolta.

De acordo com o autor citado, nenhum quilombo era igual ao outro, o tamanho variava, de grande ou pequena proporção. Poderia ser fixo na localidade ou temporário, o que ocorria basicamente com os localizados próximos ou na área urbana. Esse pesquisador afirma que revoltas quilombolas não ocorriam sem algum fundamento e sem abordar reivindicações, que poderia ser desde modificações na forma de tratamento dos escravizados, estas que poderiam ser para grupo de escravizados específicos ou a todos de forma generalizada, mas sua maior pauta e luta sempre foi em prol da liberdade.

Mocambos e quilombos: assim eram chamados os escravizados que fugiam em solo brasileiro. No imaginário coletivo da sociedade, os quilombos eram formados somente por fugitivos e sua descendência, uma tamanha inverdade. Nos quilombos, havia também soldados desertores, foragidos da justiça, e indígenas, por exemplo. Os africanos que compunham as comunidades quilombolas eram originários de várias etnias diferentes, afinal o continente africano tem uma multiplicidade étnica e cultural, desta forma não seria diferente nos quilombos. Os africanos, mesmo com suas diferenças, as conduziram bem, sobretudo, porque cultuaram laços amigáveis neste espaço, recompondo assim suas culturas.

O termo quilombo foi somente conceituado depois de Palmares. Anteriormente a isto, era visto como abrigo de escravizados fugidos e nomeados de mocambos (REIS, 1996). Palmares simboliza e representa força, coragem e resistência aos novos quilombos espalhados pelo Brasil afora. Depois de seu extermínio, ocorrido em novembro de 1695, as autoridades coloniais, juntamente com os senhores donos de escravizados viram a oportunidade perfeita para tentar desestabilizar e acabar com as fugas e posteriormente com os quilombos. Para tanto, criaram táticas para garantirem o domínio sob os escravizados fugidos que fundavam os quilombos. Da tática criada, surgiu o capitão do mato, tão conhecido nos livros didáticos de História. Sua função era capturar escravizados fugitivos e dilacerar comunidades quilombolas. Foi pelas mãos desses homens perversos que se consistiu uma melhor solidez da escravidão que tanto a colônia e os senhores queriam.

A busca para controlar a escravidão, ocorreu pelo fato de que mesmo ela não sendo um perigo solidificado, era uma intimidação aos senhores e aos administradores da colônia. Com o intuito de não despertar o interesse ainda maior nas senzalas e conseqüentemente ocorrer às fugas, se espalhavam informações mentirosas, afirmando que os quilombos não passavam de espaços isolados que não tinham mais do que cinco a seis negros fugidos (op.cit). Mesmo com a tentativa de não transparecer, os quilombos eram de fato uma preocupação que só fazia crescer, para senhores e para os administradores da colônia. Ocorria que muitos quilombos não eram isolados, mais muito bem protegidos, a exemplo de Palmares. As autoridades sabiam

aproximadamente sua localização e tentaram por diversas vezes de forma não sucedida, sua destruição. Ao contrário da idealização de muitos, um quilombo não necessariamente está localizado numa área isolada de uma zona rural e de difícil acesso. Muitos se localizavam perto das cidades, fazendas, engenhos, por exemplo, como estratégia para assegurar a existência dos quilombolas, que construíam rede de apoio e de interesses, como informa Reis (1996). Essa rede de apoio era constituída por negros livres, escravizados e até mesmo brancos pobres. Nos quilombos se mantinha uma relação que envolvia trabalho, negociações, desde alimentos a munições e armamentos. Através dessa rede de apoio, laços, que os quilombolas obtinham informações importantes, como pautas estratégicas e moção de tropas.

A ideia de que os quilombos mantinham contato apenas com agrupamentos de excluídos como eles, é errônea. As relações só ocorriam com quem de fato pudesse colaborar para que o quilombo pudesse continuar a existir. Esse espaço como afirma Gomes (1995), era um espaço social, econômico e geográfico. Espaço onde se mantinham relações importantes às quais eram preocupantes aos olhos dos governantes e senhores.

O risco que o quilombo representava era sentido pelos senhores de engenho, e advinha do fato da construção das relações importantes, pois era uma possibilidade de os escravizados trafegarem, circularem e promoverem articulações com mocambos, em senzalas, roças, tabernas, vilas pequenas e com as cidades consideradas de grande porte.

As ações dos amocambados, assim também eram chamados os quilombolas, iam além destas já descritas. Nas estradas os quilombolas assaltavam viajantes, roubavam povoados, sequestravam escravas, recrutavam escravos para aumentar seu fortalecimento militar. Também praticavam atos mais amenos, como plantações e posteriormente a colheita de produtos como milho, frutas, mandioca, cana-de açúcar, algodão. Assim viver em um quilombo estava longe de ser monótono (REIS, 1996).

Além da área agrícola, que dominavam com excelência, existiam quilombos localizados em regiões de extração de minérios, como exemplo Minas Gerais e Goiás. Nesta localização ocupavam-se com a extração de metais e peças preciosas. Ao extrai-las, a utilizavam como moeda de troca com os donos de tabernas, por objetos e utensílios que fossem precisos para sua sobrevivência, a exemplo de armas e munições. Os quilombolas chegavam a até comprar suas alforrias (REIS, 1996).

Sinônimo de reinvenção, mescla de valores, instituições e fontes culturais. Com toda essa bagagem, os quilombos tiveram participação direta na construção das culturas afro-brasileiras e do Brasil como um todo. Apesar de toda repressão escravocrata sofrida, negros escravizados e quilombolas tiveram que se modelar efetivar mudanças nas suas tradições,

cultura para assim poder sobreviver. Mas nenhuma das mudanças ocorria se não fossem de fato a vontade deles. Deste modo, “não permitiam transformar-se naquilo que o senhor desejava” (REIS, 1996, p.19-20).

No período da escravidão “a barbaridade andava ao lado da repressão, com inúmeros exemplos durante todo período, como o ocorrido em Minas Gerais na metade do século XVIII, onde se tem relato de punições com cortes de membros dos corpos dos quilombolas, como a perna e tendão de Aquiles”. O que foi em vão, pois os quilombos continuaram a serem formados (REIS, 1996, p.20).

Os quilombos são estrutura de resignificação contra tudo o que foi o período escravocrata. Seus integrantes independentes de qual etnia africana pertencessem, uniam-se em torno de uma questão comum: as dores provocadas pela escravidão, construindo relações de afeto e sociabilidade. Neste espaço ocorreu o compartilhamento de memórias, de estruturas e de formação de líderes que protegiam as vidas uns dos outros e suas moradas.

As revoltas, mesmo que a maioria delas levasse consigo reivindicações, não era realizada por escravizados com esperanças de acordos, pois já sabiam o que esperar dos senhores e dos administradores da colônia: “Desde que pisaram neste lado do Atlântico como escravizado, os africanos conspiraram contra os senhores” (REIS, 1996, p.22). Os crioulos; escravos nascidos em solo brasileiro, com o fim do tráfico transatlântico em 1850, ficaram basicamente à frente da construção dos quilombos e da realização das revoltas, singularmente nos últimos suspiros da escravidão.

No dia 13 de maio de 1888, quando chegou o fim da escravidão de forma oficial, meses anteriores a esta data, “ocorreram diversas fugas de escravizados das fazendas para os quilombos com ou sem auxílio de apoiadores abolicionistas”. (MACHADO, 1994 p.73). Ou seja, mesmo com toda repressão sofrida durante mais de 300 anos de escravidão, os quilombos nunca deixaram de existir e de se reconstruírem inúmeras vezes.

Independente de alguns escravizados buscarem de forma mais direta o fim da escravidão do que outras comunidades, o legado e a missão mais difícil dos negros africanos, crioulos, mocambos, integrantes dos quilombos foram resistir a tudo o que o período da escravidão significou, no entanto, a resistência foi uma missão exitosa e logrou bons resultados, conforme enunciado pelo cancionista popular Caetano Veloso (2008), através da canção Milagres do povo.

E o povo negro percebeu
Que o grande vencedor
Se ergue além da dor [...] Foi
o negro que viu
A crueldade bem de frente
E ainda produziu milagres de fé
Em extremo ocidente (VELOSO, 2008)²

A abolição para os escravizados poderia ter possibilitado à integração a sociedade de classe. No entanto, não foi isso que aconteceu. Ao contrário disso, os negros agora livres perceberam que ninguém ao não ser eles mesmos lutariam por seus direitos como cidadãos, e reivindicariam o respeito e o fim do preconceito da sociedade ao olharem para eles com inferioridade. Os quilombolas passaram a lutar por justiça social e reivindicar do Estado brasileiro a dívida histórica e cultural para com eles. O movimento social quilombola pautou o reconhecimento de seus direitos, o principal deles foi à posse legítima das suas terras.

Com o passar dos anos, tornou-se um dos movimentos mais ativos de caráter nacional na área rural brasileira, mais precisamente em meados da década de 1990 foi quando esse movimento “estouro”, ou seja, “um século após a abolição da escravidão”.(LEITE, 2017, p.78).

Esse foi o tempo necessário para que a luta quilombola por direitos, preservação e reconhecimento da importância de sua cultura começassem a obter frutos. O artigo 68 da Constituição Federal de 1988 promulgou aos negros quilombolas o direito as terras onde nasceram, se criaram e vivem.

Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecido a propriedade definitiva, devendo o estado emitir-lhes os títulos respectivos (*DIÁRIO da ASSEMBLÉIA NACIONAL CONSTITUINTE, 1988*).

Entretanto, para obter o reconhecimento das terras como pertencentes a uma comunidade remanescente quilombola, passa-se por um rigoroso processo, através do órgão responsável, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma agrária (INCRA). As comunidades para terem o direito a terra solicitam abertura de processo, no entanto, devem atender a um pré-requisito: todos da comunidade devem ter a certidão de registro no cadastro geral de comunidades remanescentes de quilombos; documento emitido pela Fundação Palmares. Obtida a certificação, o documento é publicado no diário oficial da união pela presidência do INCRA. A publicação de uma portaria no diário oficial da união e do estado não encerra o processo, pois o documento final é o título da terra em nome de todos que integram a comunidade. Trata-se de um título coletivo e não individual. Independente de seus direitos a posse legal da terra, as comunidades

²Disponível em: <https://m.letras.mus.br/caetano-veloso/44749/>

remanescentes quilombolas não podem deixar de emitir sua voz, de levantar sua bandeira, em prol de ações políticas e de outros direitos que venham a ser realizadas em benefícios de seus habitantes e de seu espaço, uma luta e pauta diária dessas comunidades, desde os primórdios de sua formação até os dias atuais.

3. A COMUNIDADE CAIANA DOS CRIoulos: SUA HISTÓRIA

O lugar que um povo ocupa é muito mais do que o aspecto físico em si. Existe neste espaço como diz Souza (2016), uma relação sociocultural que estará sempre em mobilidade, que desenvolve saberes coletivos, que são partilhados não só com os indivíduos ocupantes desse espaço, mais com a sociedade de forma geral, ao qual pertencem, ou seja, além do espaço delimitado.

Tratar dos aspectos socioculturais brasileiros significa reencontrar uma vasta diversidade, como por exemplo, as comunidades e culturas dos povos originários e as comunidades quilombolas, espalhadas pelo país. Antes de adentrar no foco principal desta pesquisa, que é **a construção da identidade negra e quilombola dos jovens da comunidade quilombola Caiana dos Crioulos – PB** é importante conhecer sobre o espaço, ou seja, o lugar onde os jovens habitam e pertencem e desta forma onde sua identidade e relações são construídas, pois como afirmam Little (2002) e Arruti (2006) os moradores dos espaços geográficos, possuem formas distintas de relacionamento com os ambientes geográficos.

Tratando-se de territórios quilombolas, Gusmão (1999), preconiza que nesses espaços, a identificação é elaborada através do tripé constituído por terra- parentesco- pertencimento étnico, pois a relação de uma comunidade quilombola com a terra em si vai além dela ser o mecanismo de cultivo para o alimento que garante a existência das pessoas que ali vivem, pois “estas comunidades se pensam como vinculadas ao lugar e a sua história muitas vezes se inicia no estabelecimento, no lugar, e por continuidade através de laços de parentesco [...]” (GRUNEWALD, 2011, p.19). O que é perceptível através da citação abaixo:

O território ganha uma identidade, não em si mesma, mas na coletividade que nele habita e dá-lhe significado. O lugar Caiana dos Crioulos representa para seus habitantes o território de sobrevivência e reprodução material de sua existência, e, para além desse caráter material, guarda nas suas camadas uma memória afetiva, uma vez que aquele pedaço de chão é um patrimônio hereditário, conquistado pelo processo de ocupação realizado por seus pais e avós (SOUZA, 2016, p.109).

De acordo com os dados geográficos, Caiana dos Crioulos esta localizada na zona rural serrana do município de Alagoa Grande-PB, aproximadamente a 12 km da zona urbana e a 117 km da capital João Pessoa. A comunidade foi reconhecida como território remanescente quilombola em 08/06/2005, obtendo a titulação final de seu território no período de 2019/2021, se tornando uma das 45 comunidades certificadas na Paraíba. Atualmente é habitada por cerca

de 100 famílias, que mantêm suas tradições artísticas e cultivam produtos agrícolas de subsistência, a exemplo do milho, mandioca, batata doce, inhame e legumes.

Sobre sua formação, não se sabe com precisão quando ocorreu, pois não existem documentos que comprovem o seu processo de ocupação e assim de povoamento, no entanto, na memória dos idosos existem histórias sobre a origem desta comunidade que é contada oralmente de geração a geração. Nas histórias contadas pelos moradores mais antigos, há três versões conhecidas e reproduzidas pela comunidade (LIMA, 2018).

A primeira versão data a formação de Caiana no final do século XVII, depois de uma rebelião que ocorreu em um navio negreiro, quando o mesmo estava desembarcando na Baía da Traição. Desta revolta, negros escravizados fugiram e seguiram o fluxo do Rio Mamanguape, e fixaram morada na localidade conhecida hoje como Caiana dos Crioulos.

A segunda versão relata que a origem de Caiana dos Crioulos está relacionada a Campanha Abolicionista ocorrida na Vila de Areia, em 3 de maio de 1888, o que se deu 10 dias antes de a Princesa Isabel assinar a Lei Áurea. Assim, escravizados fugidos da Vila de Areia, vieram para a região de Alagoa Grande para o lugar Caiana, pelo fato de ser uma localidade próxima a Areia e pelo receio de serem novamente escravizados.

A terceira versão remonta que os primeiros moradores de Caiana seriam provenientes de Palmares, quilombo que foi destruído pelo governo português. Após a destruição dessa comunidade, os sobreviventes saíram Brasil a fora com o intuito de reconstruir suas vidas e chegaram até as serras de Caiana onde fixaram morada. Essa versão é uma das mais defendidas e que se encontra no relatório de identificação da comunidade (Paiva e Souza, 1988) e Freire (1988). Como já relatado, essas são as versões mais conhecidas no que se refere à origem da comunidade Caiana dos Crioulos.

No entanto, há uma quarta versão, não tão reproduzida no discurso dos moradores, mas detentora de uma narrativa interessante, e que é abordada pela Professora Luciene Tavares da Silva Lira. Em entrevista realizada no museu Jackson do Pandeiro, em março de 2014, na cidade de Alagoa Grande- PB, ela relatou que:

Existem várias versões de como surgiu Caiana. Eu acho uma muito interessante. [...] tinha um homem que era escravo que trabalhava em uma fazenda. [...] esse chamava Caiana. [...] Ele achou uma forma de fugir e foi para um lugar bem distante. Chegando lá, lá já tinha... As pessoas não eram mais escravas, já tinham, aquela época da “suposta” abolição da escravatura e ele deixou de ser escravo. Então ele pensou “se não há mais escravos vou voltar para minha terrinha”. Aí ele voltou, só que quando chegou, aqui continuava do mesmo jeito. Nada tinha mudado. Aí ele fez, chegou para o senhor e conversou com ele. Pra calar a boca de Caiana ele fez um acordo, se

Caiana não contasse para ninguém, para nenhum dos escravos, em troca disso ele daria umas terrinhas ali em cima. [...] Então ele topou. Passou-se o tempo e a história da abolição espalhou-se por todo o mundo. [...] Aí as pessoas foram livres, mas aí não tinha terra, não tinha pra onde ir, ficaram assim, jogadas. Pediram socorro a quem? A Caiana. Que ele tinha umas terrinhas, aí quando perguntavam “onde você está morando? Eu estou morando lá em Caiana”. “E Caiana tem terra?” “Tem sim!”. “Então vou pedir um poquinho pra ele”. [...] Uma das supostas histórias de Caiana é essa aqui (LIMA, 2018, p.7).

As versões apresentadas sobre as possíveis origens da comunidade de Caiana, como afirma a professora Luciene Tavares, provavelmente advém da possibilidade de que sua povoação não ocorreu em um único período, mas em quatro momentos diferentes, explicando essas versões tão distintas.

3.1 Conhecendo Caiana

A Comunidade Caiana dos Crioulos-PB será aqui apresentada de acordo com o que a vivência/pesquisa realizada na comunidade nos possibilitou perceber. Os/as moradores/as de Caiana dos Crioulos enxergam sua ancestralidade como advinda de pessoas negras que lutaram contra a escravização. Eles/as se identificam como herdeiros de Zumbi dos Palmares, negros e negras que lutaram fortemente contra o regime escravista e fundaram o quilombo de Palmares, dentre tantos outros espalhados pelo Brasil.

Como terra quilombola, Caiana é um espaço coletivo, desta forma, não pode ser vendida, a propriedade da terra é passada de geração para geração, mesmo que as famílias tenham demarcações para saber onde começa e termina suas terras deixadas pelos seus ancestrais. Isto é uma forma de garantir que as famílias tenham sempre um pedaço de terra para morar e plantar, por todas suas gerações. A comunidade é formada na sua maioria por pessoas negras, nela as entidades políticas, como a associação dos moradores da comunidade, são coordenadas pelos/as moradores/as, predominantemente as mulheres. O predomínio das mulheres na condução política da comunidade se deve ao fato de que os homens de Caiana dos Crioulos migravam para os grandes centros urbanos do país, a exemplo da cidade do Rio de Janeiro em busca de melhores condições de vida para sua família, e deixam na comunidade suas esposas cuidando de seus filhos, que acabam se tornando a porta voz e liderança da família e também da comunidade, desta forma a voz da luta quilombola de Caiana é feminina, o que se reflete em boas parte das comunidades quilombolas espalhadas pelo Brasil. No momento da pesquisa a associação dos moradores/as estava sob a presidência da moradora Edinalva Rita do

Nascimento, que assumiu depois de a presidente anterior está no cargo há vários anos. Não há rotatividade no comando da associação, o que pode fazer com que outros/as moradores/as, a exemplo dos jovens não se interessem pelas questões políticas da comunidade e não se envolvam ativamente nas lutas por melhorias.

Figura 3- Associação dos Moradores da Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos.
Alagoa Grande-PB



. Foto: Lúcia Julio. Fevereiro/2022.

Com uma diversidade de manifestações da cultura quilombola e afrodescendente, há um aspecto relevante na comunidade, sobretudo, no que se refere a religião. A maioria dos/as moradores/as praticam o catolicismo. No entanto, existem práticas religiosas afro-brasileiras, como a umbanda e o candomblé, mas são praticadas as escondidas ou de forma discreta, visto que as pessoas sabem, porém não comentam. Esse tipo de comportamento denota o poder da igreja Católica na comunidade, o que está associado ao eurocentrismo na formação do pensamento brasileiro e condução da cultura, o que resultou na perseguição dos cultos não cristãos, a exemplo da umbanda e candomblé. A perseguição a essas religiões levou as pessoas negras a aderirem forçadamente ao catolicismo, ou praticarem-nas de modo escondido. Esse “silenciamento” afeta diretamente essas religiosidades, onde o papel social de rezadeiras, benzedoras tem se encontrado em extinção, sendo cada vez menos vistos.

Ainda que sejam católicos, moradores/as de Caiana dos Crioulos não estão totalmente desligados da cultura afro-brasileira, visto que na Igreja Católica da comunidade, nos quadros que representam a via sacra, o Jesus Cristo é negro, o que o aproxima dos/as moradores/as e da sua ancestralidade. Nas missas, a cultura quilombola também se faz presente, principalmente com a música, pois quando se canta é comum o uso do atabaque no acompanhamento dos

cânticos, assim como nas procissões quando se acrescenta a zabumba, o triângulo e o ganzá; instrumentos musicais característicos da comunidade e que são usados nas rodas de côco e ciranda.

Figura 4- Igreja Católica/Caiana dos Crioulos. Alagoa Grande-PB



Foto: Lúcia Julio. Fevereiro/2022.

Outro aspecto cultural que se pratica na comunidade, são as danças típicas, a exemplo do côco e da ciranda. Essas danças são conhecidas na Paraíba, sobretudo devido ao grupo de mulheres cirandeiras da comunidade, as chamadas Cirandeiras de Caiana. Existem na comunidade dois grupos de mulheres que mantêm a tradição de se dançar ciranda e côco de roda. No entanto, o côco e a ciranda não ficam restritos ao espaço da comunidade, visto que as mulheres cirandeiras costumam frequentemente se apresentarem em locais externos a Caiana, como em outras cidades da Paraíba, sobretudo, em eventos culturais e turísticos. Um dos eventos em que elas costumam se apresentar é a Rota Cultural Caminhos do Frio, nas cidades de Bananeiras e em Alagoa Grande. Durante a entrevista elas se apresentaram em agosto de 2022, na cidade de Bananeiras, como parte da programação da Rota Cultural Caminhos do Frio, nessa cidade. Nas apresentações elas interagem com o público, que passa a compor a roda, se juntam a elas para dançar côco e ciranda.

Figura 5- Mulheres cirandeiras de Caiana Dos Crioulos/ Apresentação de Côco e Ciranda na rota cultural caminhos do Frio em Bananeiras- PB



. Foto: Elaine Farias. Agosto/2022.

Nas apresentações o Grupo de Mulheres Cirandeiras de Caiana sempre busca interação com o público, de modo a aproximá-los e possibilitá-los a conhecer a cultura quilombola. Em um dia de atividade/ação do projeto de extensão na comunidade, foi improvisada uma roda de côco e ciranda com alguns moradores/as, para a qual estudantes e o professor que coordenava o projeto de extensão vinculado a UEPB, fomos convidados a participar da roda de côco e ciranda e a dançar. Foi um momento divertido e rico, principalmente porque pudemos compreender também que a cultura negra, e quilombola não estão isoladas, fazem parte do que somos, e não pertencem apenas as pessoas que habitam o território quilombola, ela está aberta a qualquer pessoa de fora da comunidade que queira de fato conhecer a cultura e compreender o Brasil por outra perspectiva.

Como parte da cultura local, Caiana dos Crioulos possui um museu quilombola, organizado pela própria comunidade, um espaço que além de ser um atrativo turístico conta a história da comunidade e de sua gente. Nesse espaço se encontram fotos, objetos e instrumentos de trabalho de antepassados que contam um pouco da história da comunidade para quem tiver o interesse de conhecer.

Figura 6- Museu Quilombola – Comunidade Caiana dos Crioulos.
Alagoa Grande-PB



Foto: Lúcia Julio. Fevereiro/2022.

Sobre os costumes, e as festas que ocorrem na comunidade, principalmente as relacionadas ao casamento; essas são bastante esperadas pelos comunitários, uma vez que são elucidativas dos laços matrimoniais que ocorrem entre parentes. As festas onde se celebram o casamento de pessoas da comunidade geralmente tem a duração de três dias. No entanto, as celebrações não se restringem ao casamento. Em Caiana, existem rituais que celebram tanto o nascimento, quanto a morte. A líder comunitária Ednalva nos relatou que quando uma criança nasce, ocorre o ritual do “cachimbo”, que é realizado quando os vizinhos, parentes e amigos vão visitar o recém- nascido, as pessoas se juntam para fumar um cachimbo e conversar. Esse ritual é muito praticado pelas mulheres idosas e a fumaça advinda do cachimbo atua como incenso e defumador do espaço, que limpa o corpo dos que chegam e do que acabou de nascer de qualquer energia negativa, espantando o mal olhado. Vale salientar que o costume da fumaça do cachimbo encontra-se tanto no povo negro quanto nos ameríndios.

Quando ocorre o falecimento de alguém na comunidade, é muito comum o ritual conhecido como “beber o morto ou o defunto”. A família do falecido oferece comida e cachaça a todos que chegam para o velório; assim o ritual se mantém até raiar o dia. Essas ritualísticas acima mencionadas são simbologias de permanência da comunidade Caiana dos Crioulos.

Além do museu quilombola a comunidade possui outros atrativos turísticos, uns bastante visitados e outros menos. Um ponto que tem atraído um bom público para visitar a

comunidade é o Restaurante Rita de Chicó, especializado em comida caseira e típica da comunidade. Esse restaurante é de propriedade e administrado pela líder comunitária Ednalva. O espaço é aprazível e atraente, e ao lado possui um salão, onde ocorrem as apresentações culturais dos grupos de ciranda e côco.

Figura 7- Livros de temática negra e racial expostos para uso dos moradores e clientes do restaurante da comunidade de Caiana dos Crioulos. Alagoa Grande- PB



. Foto: Elaine Farias. Março/2022.

Figura 8- Área externa do restaurante da comunidade Caiana dos Crioulos.
Alagoa Grande- PB



Foto: Elaine Farias. Março/2022.

Figura 9- Espaço comunitário de Caiana dos Crioulos onde ocorrem festividades e reuniões.
Disponibilizado para as rodas de conversa do projeto de extensão. Alagoa Grande-PB



Foto: Elaine Farias. Abril/2022.

No que se refere a atrativos turísticos não produtivos, existe na comunidade o Casarão da Fazenda; esse imóvel pertence à Comunidade Caiana dos Crioulos e faz parte da sua história. No entanto, não é utilizado pelos comunitários, pois está abandonado, não sendo usado em benefício da comunidade, entretanto, se fosse apropriado pela comunidade, no local poderia funcionar como uma pousada e beneficiar a todos e todas, tornando-a mais atrativa como lugar turístico e promissor.

Figura 10- Casarão - Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos. Alagoa Grande-PB



Foto: Lúcia Julio. Fevereiro/2022.

No imaginário coletivo da comunidade existe a história sobre a “Pedra do Reino Encantado”. Ícone do legado messianismo, sobre ela existem várias versões que são contadas pelos/as moradores/as. Dentre as histórias contadas existe uma que narra o aparecimento de um homem vestido de branco, a existência de um lençol estendido sobre a pedra, como se uma lavadeira estivesse acabado de lavá-lo. Nos contos ambos misteriosamente desaparecem, num piscar de olhos sem que a pessoa que os viu saiba explicar para onde foram.

As histórias de encantados, as danças do côco e da ciranda, o museu, as festas de casamento, os rituais de nascimento e de morte, são exemplos das tradições culturais da comunidade e povoa o imaginário dos/as moradores/as, principalmente dos idosos/as. São pontos fundamentais que precisam sempre ser recontados, praticados e passados de geração para geração, pois é isso que reforça o pertencimento e a identidade quilombola, sobretudo, dos jovens; responsáveis pela manutenção e por fazer perpetuar a cultura e a comunidade quilombola.

Por isso, é importante o jovem antes de prosseguir com as tradições e cultura de sua

comunidade, compreender que aspectos quilombolas estão na construção de sua identidade, para assim se enxergar como quilombola de fato. Como se enxergam nesse universo diverso? Eles/as se enxergam apenas como jovens ou também quilombolas?

A manutenção das práticas e tradições culturais na comunidade quilombola são importantes porque elas constroem a identidade do quilombola, do mais novo ao mais idoso, de qualquer geração, sem elas a comunidade quilombola não poderá existir e principalmente resistir no tempo. Neste aspecto, Hobsbawn (1997), pontua que a tradição é uma produção social e cultural que realiza uma função fundamental na construção e manutenção da identidade coletiva em um grupo ou sociedade.

Tradição[...] um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição[...] uma continuidade em relação ao passado.(HOBSBAWN, 1997,p.9).

Este autor relata que a tradição não é um conjunto fixo e inalterável de práticas e crenças repassadas ao logo do tempo, é muito ao contrário: ela está sempre em evolução e adaptação principalmente, se moldando através das necessidades e interesses postos pela a comunidade. Ou seja, a relação que a tradição e a modernidade formam mantém a comunidade.

Houve adaptação quando foi necessário conservar velhos costumes em condições novas ou usar velhos modelos para novos fins. Instituições antigas, com funções estabelecidas, referências ao passado e linguagens e práticas rituais podem sentir necessidade de fazer tal adaptação.(HOBSBAWM, 1997,p.13).

Logo, são pelas tradições que se constroem a identidade de uma comunidade quilombola e do ser individual que ocupa esse lugar, mas é necessário que ela se molde de acordo com o tempo, com a contemporaneidade. Sem uma relação saudável com a modernidade, as tradições culturais e todo o conjunto que ela aborda, correm o risco de serem não tão lembradas e reproduzidas com o tempo.

Assim, o autor citado enfatiza que a tradição possui papel fundamental na construção da narrativa de identidade e pertencimento, visto que o mundo passa constantemente por transformações. Para que seus praticantes, principalmente os jovens, enxerguem e compreendam que as tradições do povo quilombola, independente da realidade posta pela contemporaneidade, se mantém e é necessária, afinal, o bastão da resistência será passado para eles.

4. A JUVENTUDE DE CAIANA E A CONSTRUÇÃO DE SUA IDENTIDADE

Atualmente, a juventude é uma temática bastante visionada e pontuada ao se tratar da criação de políticas públicas na sociedade. É vista como uma potência renovadora da sociedade, pois nas consideradas mais tradicionais, o poderio e a notoriedade são guardados nos mais velhos. Já na sociedade moderna, ao qual nos encontramos, a juventude obtém um papel de destaque, pois ela contribuiu diretamente para modificações políticas e também nas filosofias sociais. (MANNHEIM, 1982).

A juventude rural, como se configura a do espaço de Caiana dos Crioulos, tem seu estilo de vida totalmente ligado aos processos de modernização do campo, o que ocorre naturalmente na contemporaneidade, ou seja, mesmo nas regiões isoladas, remotas, os meios de comunicação adentram e promovem propagação da cultura urbana.

A comunidade de Caiana dos Crioulos, ainda que seja rural, e o acesso seja precário não se mantém isolada do espaço urbano, tão pouco da modernidade que caracteriza a contemporaneidade. Pois nela desenvolve-se o processo de hibridação que os jovens sentem intensamente, uns mais que os outros, onde tudo depende do contexto encontrado e das condições que cada jovem vive (WEISHEIMER, 2005). Afinal, nenhuma comunidade quilombola é igual à outra, cada uma tem sua particularidade, no entanto, isso não torna os jovens quilombolas diferentes dos jovens urbanos.

Como relata Pais (1993), a juventude é uma fase da vida, que faz parte de uma categoria socialmente construída, elaborada através dos contextos econômicos, sociais e políticos e que estará sempre sujeita a modificações pelo tempo. Os jovens de Caiana dos Crioulos tem a idade média de 15 a 22 anos, a maioria se encontra no ensino fundamental e médio, e outros nas instituições de ensino superior. Sobre as questões políticas da comunidade, eles poucos se envolvem, o que faz com que esse espaço seja controlado pelos adultos, a maioria idosa e predominantemente mulheres. Com relação a este cenário, foram formuladas as seguintes questões: o porquê de os jovens não ocuparem o espaço de luta política de sua comunidade? Que concepções eles têm disso? Como eles se veem e formam suas identidades ao se reconhecerem como negros e quilombolas? De fato, se reconhecem como tal? Essas foram perguntas que esta pesquisa desenvolvida na Comunidade Caiana dos Crioulos buscou responder, ou melhor, dizendo, buscou auxiliar aos jovens encontrar as respostas. Através das rodas de conversa, com a presença e auxílio da Professora Lúcia de Fátima Júlio e da líder comunitária Edinalva Rita do Nascimento, possibilitamos aos jovens discutirem-nas.

Nas rodas de conversa, especificamente na primeira, os jovens estavam acanhados,

tímidos, percebemos que muito do comportamento se devia ao fato da presença da líder comunitária Ednalva, no entanto, buscamos quebra a barreira, o que foi alcançado, pois a cada encontro que ocorria eles iam se soltando. De início perguntamos quem eles eram. Ficaram calados, dizendo não saber responder, o que foi quebrado pelo jovem Felipe ao responder: “Sou negro, quilombola e estudante de Ciências Biológicas da UFPB, campus de Areia”. Em seguida outros jovens passaram a responder também.

Depois foi posta mais uma pergunta: o que é ser quilombola e o que os faziam ser quilombolas? Para eles melhor compreenderem e os ajudarem a responder, foi exibido um documentário de uma comunidade quilombola localizada no interior da Bahia. Depois da exibição do vídeo/documentário, responderam que ao nascerem na terra de Caiana dos Crioulos, os faziam ser quilombolas. No decorrer da conversa, da líder comunitária Ednalva expôs para os jovens o potencial da comunidade. Enfatizou a expansão territorial, que Caiana possui, trata-se de uma propriedade coletiva, rica em cultura, devido as suas lendas, tradições.

Figura 11- Roda de conversa com os jovens da comunidade Caiana dos Crioulos Alagoa Grande- PB



Foto: Elaine Farias. Março/2022.

Mesmo expondo todo o potencial da comunidade aos jovens, nenhum momento foi perguntado pela líder comunitária o que eles buscavam, o que queriam, o que gostavam na

comunidade, como gostariam de usar esse espaço. Formulamos esses questionamentos porque o objetivo do projeto de extensão, executado através das rodas de conversa, era ajudar os jovens no fortalecimento de vínculos com a comunidade, através da cultura existente, do qual faz parte a beleza natural da comunidade, os marcos históricos que conta a história, e denotam a natureza e a cultura da comunidade quilombola.

Neste sentido os jovens demonstraram conhecer alguns pontos da comunidade que consideram relevantes a história e a cultura, como o museu, a igreja, principalmente porque possuem elementos e manifestações culturais negras e quilombolas, a exemplo da imagem do Cristo Negro, representação que o aproxima aos moradores/as de Caiana. Além da representação do Cristo Negro, destacaram uso do atabaque no acompanhamento dos cânticos entoados nas missas e do zabumba, triângulo e ganzá nas procissões. Eles não deixaram de mencionar as mulheres cirandeiros e a história dos encantados, como as que povoam o imaginário dos moradores/as sobre a Pedra do Reino Encantado, além das histórias, mencionaram as celebrações de casamento, ou seja, as festas de casamento que duram três dias. Eles afirmaram não conhecer os rituais de nascimento, o chamado cachimbo e o da morte, de “beber o defunto”, e disseram não conhecer os limites territoriais da comunidade. Os jovens reconheceram que falta na comunidade a apropriação de mais elementos da cultura negra, e quilombola e que isso não ocorre por falta de iniciativa dos líderes comunitários, mais que isso é algo que eles também podem mudar.

Figura12- Exibição do Vídeo sobre a Comunidade Sacopá- Rio de Janeiro

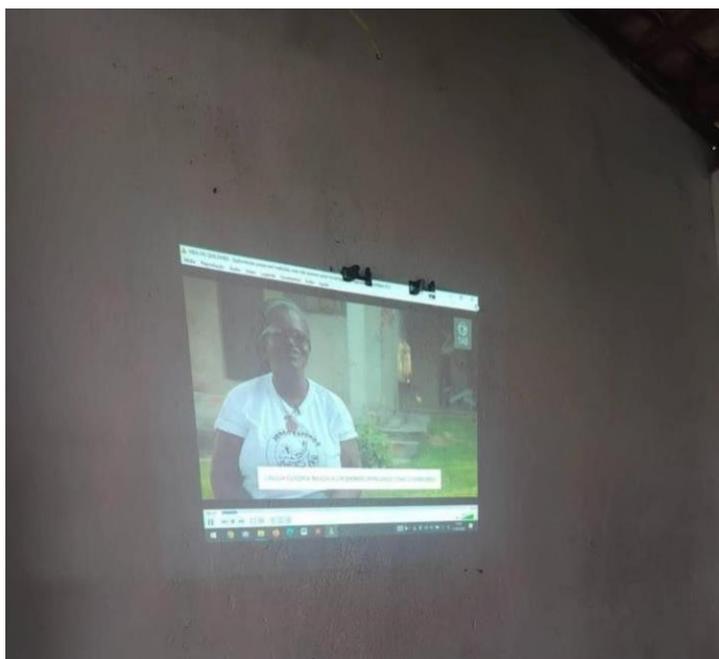


Foto: Elaine Farias. Março/2022.

No transcorrer da conversa eles compreenderam que todos os saberes contados são importantes, pois os definem como quilombolas e fortalecem a identidade, demonstrando a relação com a casa deles, ou seja, tem uma referência de seu surgimento: por onde eles andem, jamais esquecerão de quem são, mesmo que outros elementos sejam incorporados a construção de sua identidade, ou seja, ser quilombola, é pertencer a Caiana dos Crioulos, é tê-la como base.

A cada encontro os jovens se fortaleciam e descobriam o seu fazer na comunidade. Perceberam que a comunidade é além do espaço em que eles moram e convivem onde a cultura negra e quilombola são cultivadas, pode ser um local muito produtivo e benéfico, e que eles/as podem se apropriar e gerar dali fonte de renda, firmando suas raízes. Além disso, entenderam que a sua identidade além de ser quilombola é também de indivíduos/as pretos/as e negros/as. Ser quilombola, não se resumia a uma única característica.

Sobre a cultura da comunidade, foi mostrado para os jovens e eles compreenderam que ela passa por transformações, de acordo com o modo como cada qual lida com a cultura e com ela convive. Ninguém vive isolado e é totalmente completo, o ser completo não existe, pois estamos em constante transformação e construção, ou seja, a identidade deles principalmente, passa pelo processo de transformação, não só a comunidade.

Conforme nos ensina Hall (2006), nos seus estudos; a identidade é uma construção social e cultural que está sempre passando por processos de formação e transformação. Muitas das vezes a identidade é associada as questões naturais: pertencemos a tal espaço, cultura porque temos feições semelhantes aos outros que ali vivem. Hall (2006) nos ensina o contrário:, ele argumenta que a identidade não é definida apenas por características inatas ou biológicas, mas é modelada por várias outras razões, como a cultura, linguagem, a história, relações de poder, onde o contexto e as interações sociais tem grande importância e influência na formação de um indivíduo ou grupo.

A identidade é algo híbrido e múltiplo (HALL,2006), logo,o indivíduo pode ter várias identidades simultaneamente, construídas de várias formas, às vezes em contradição ou em constante negociação. No decorrer da vida, do tempo, da história, a identidade individual ou coletiva não será a mesma desde o surgimento do indivíduo. Como reconhecido por esse autor, a identidade será sempre interferida e conseqüentemente moldada pelas mudanças sociais e pelas lutas políticas ao longo do tempo. Neste sentido a comunidade de Caiana e seus moradores não é a mesma desde sua formação. Passou por diversos processos, modificações, mais nunca se esqueceu dos alicerces de sua cultura e tradição, que fizeram ser o que são hoje.

“O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas[...]. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar- ao menos temporariamente”.(HALL, 2006,p.13).

Assim outras questões importantes foram surgindo nas rodas de conversa, como o que os negros e quilombolas significam para a sociedade brasileira. Eles alegaram que a sociedade os vê como sujeitos inferiores. Logo explicamos que essa condição posta pela sociedade não os representa, eles são iguais a todos os outros sujeitos, o fato de ser negro e quilombola não os tornam menos valiosos do que qualquer outra pessoa. Com o aprofundamento dessa questão, os jovens pontuaram que o tratamento vindo da sociedade se reflete no preconceito e racismo exacerbado a qualquer coisa, que advenha da cultura, tradição negra. Assim eles relataram o que as religiões de matrizes africanas passam, que elas deveriam se mais expostas, e que isso infelizmente não ocorre por causa do preconceito, que não existe somente na sociedade de forma geral, mas que conseguiu adentrar até na comunidade quilombola, e atinge principalmente as práticas religiosas de matriz africana.

No decorrer das rodas de conversa eles relataram que em Caiana dos Crioulos as pessoas que cultuam e praticam as religiões de matrizes africanas as fazem de forma, escondida, discreta, o que é totalmente contraditório, sobretudo, por ali ser um território negro e quilombola, de luta e resistência em defesa da cultura e tradição negra, africana. Essa realidade é denotativa do eurocentrismo; visão ideológica que também atingiu de alguma forma a quem mais lutou e resistiu contra a opressão e o epistemicídio. Em função disso, a prática religiosa mais presente na comunidade é o catolicismo, no entanto, os jovens defenderam que todas as religiões devem ser respeitadas e que as práticas religiosas de matriz africana não podem se manter escondidas no espaço onde deveriam ser livres. Acrescentaram que a prática religiosa de matriz africana não precisa ser mesclada aos elementos cristãos para ser vivenciada como se faz na comunidade, ela precisa ser respeitada como as demais.

A influência ideológica chamada de eurocentrismo, que enraizou o preconceito e o racismo na sociedade, prejudica os quilombolas na construção das suas identidades religiosas

de matriz africana, e isso está sendo passado de geração para geração. Assim os jovens perceberam que eles podem lutar para romper esse processo e que assim a negação das religiosidades de matriz africana não perpassa para as gerações futuras.

Eles ainda expuseram que a diversidade de elementos culturais existentes na comunidade é algo pra somar e não diminuir e que eles também estão corretos ao dizer que seria bom que os elementos africanos fossem mais usados nas celebrações religiosas, por exemplo, pois é importante para que sua cultura se mantenha viva, forte e assim superar a opressão vinda da sociedade. Fazer isso não é ser antiquado, e não significa que essa cultura, tradição não possa ser renovada. Mas isso só seria possível se eles como jovens ocuparem seu lugar de fala, para que haja transformação, o que infelizmente não está ocorrendo.

Como mencionado acima, a identidade, a tradição não é algo fixo, que se mantém a mesma com o passar do tempo, em qualquer época da sociedade, sobretudo nessa, marcada pela difusão e massificação da tecnologia e que passa por transformações a todo instante, os jovens não estão alheios. Muita das tradições tende a se transformar para resistir e existir, o que não significa que sua essência se perca, ao contrário, ela prevalece.

Logo, são pelas tradições que se constroem a identidade de uma comunidade quilombola e do ser individual que ocupa esse lugar também, mais é necessário que ela semolde de acordo com o tempo, com a contemporaneidade. Sem uma relação saudável com a modernidade, as tradições culturais e todo o conjunto que aborda, correm o risco de serem não tão lembradas e reproduzidas com o tempo. Nesse sentido, Hobsbawn (1997) enfatiza que a tradição possui um papel fundamental na construção de uma narrativa de identidade e pertencimento em um mundo que passa constantemente por transformações. Para que seus praticantes, principalmente os jovens, enxerguem e compreendam que as tradições do povo quilombola para que se mantenham, depende da realidade posta pela contemporaneidade, e sempre será necessária, afinal, o bastão da resistência precisa ser passado para eles.

Ou seja, a tradição e identidade sempre estarão entrelaçadas. A Construção de uma comunidade quilombola e o reconhecimento de seus indivíduos como pertencentes a este local deve-se ao vínculo tradição e identidade. Uma não existe sem a outra. A tradição trás e faz lembrar o que é ser quilombola, através de seus costumes, cultura, história de seu povo. E a identidade é construída através desses elementos citados, dentre outros também, que faz esse indivíduo quilombola, compreender sua historicidade, as lutas de seu povo, e reconhecer quais elementos influenciaram na construção do seu eu. Mesmo que sua identidade passe por transformações, o que é o percurso natural da vida, ele jamais se esquecerá de onde vem sua raiz, que o fez ser o que é hoje. Pode partir pra qualquer lugar do mundo, mais nunca deixará de ser,

lembrar e de se reconhecer quilombola.

O entusiasmo dos jovens em querer conhecer melhor sobre as lutas, história e resistência de seu povo, levou-os a nos pedir que nas rodas de conversa fosse abordada a temática sobre a escravidão. A ideia desse tema foi dada pelo jovem Bruno, o que foi aceita pelo demais. Então foi perguntado a Bruno o porquê dessa temática, e a resposta foi empolgante. Segundo ele, a sugestão da temática se deve ao fato de ele ter ouvido e entendido nas rodas de conversa anteriores, que o negro foi além de escravizado e viveu em meio a escravidão. Por isso, ele queria conhecer mais sobre a história das pessoas negras no Brasil e na África, pois os livros didáticos de História trazem apenas o negro como escravo. Essa sugestão de Bruno, e inquietação, sobretudo, a relação que fez do nosso discurso com o que aprendeu nas aulas de história, demonstra que o Projeto de Extensão e sua finalidade através das rodas de conversa estava se cumprindo, ou seja, gerando resultados. Pois Bruno era um jovem que nos primeiros encontros mal falava, e já estava trazendo questionamentos críticos sobre assuntos extremamente importantes sobre sua história e de seu povo.

A roda de conversa sobre escravidão foi diferente, pois no dia não havia apenas os jovens da comunidade, mais também uma equipe de educadores do Centro de Formação Educativo Comunitário (CEFEC), cuja sede está localizada na Cidade de Santa Rita-PB. Os educadores/as, assim como a coordenação dessa instituição estavam em visita e conhecendo a comunidade quilombola Caiana dos Crioulos. Na oportunidade a líder Comunitária Ednalva com alguns jovens recepcionou a todos/as calorosamente, com a apresentação de uns cânticos de ciranda e côco onde todos/as os jovens tomaram parte cantando ou dançando.

Figura 13- Jovens Quilombolas e os educadores/as do CEFEC na roda de conversa sobre Escravidão em Caiana dos Crioulos. Alagoa Grande- PB.



Foto: Elaine Farias. Abril/2022

Figura 14- Recepção de boas vindas feita pela Líder comunitária com o auxílio de dois jovens de Caiana dos Crioulos, cantando uma Ciranda, típica da comunidade. Alagoa Grande- PB.



Foto: Elaine Farias. Abril/2022.

Dando continuidade ao assunto, foram expostas informações que os jovens ficaram surpresos e causaram a outros até estranheza. No imaginário da sociedade e da própria comunidade, a história do negro se resume a escravidão, como infelizmente é ainda hoje reproduzido, nos livros didáticos de história, como por exemplo, o jovem Bruno comentou. Assim nesta roda de conversa, foi exposto que os negros escravizados no Brasil não são descendentes de escravos, e sua história não se resume a escravidão. Eles são descendentes de reis, rainhas, príncipes, de homens livres que foram arrancados da África e no Brasil submetidos a condição de escravizados em um novo continente, onde eles/as não aceitaram em nenhum momento e contra essa situação a que foram submetidos, lutaram, resistiram e formaram os quilombos dos quais Caiana dos Crioulos é herdeiro.

Afirmar que as ascendências dos jovens de Caiana não vêm da escravidão é desnaturalizar da mente deles a compreensão de que descendem de escravos, e por sua vez saudar as ações dos seus antepassados que lutaram contra o regime escravocrata. Não é negar a escravidão e que

foram submetidos a esse regime hostil e desumano, mas é desnaturalizar a escravidão como uma condição inerente a gente negra, e compreendê-la como uma condição a que foram submetidas, mas lutaram contra ela, contra a opressão e toda condição desumana a que foram submetidos. Todavia, essa luta não foi encerrada. Ela continua contra a exclusão a que a gente negra é submetida na sociedade moderna, que insiste em remetê-lo a escravidão como a única condição atribuída ao negro, o que faz da resistência um estado de luta permanente.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo com as adversidades, a exemplo das dificuldades de acesso a comunidade, principalmente nos períodos de chuva e da inexistência de um lugar adequado para a realização das atividades demandadas pelo projeto de extensão, as rodas de conversa sobre temáticas relacionadas aos quilombolas ocorreram a contento, os jovens participaram e concomitante pudemos realizar a pesquisa/ação que possibilitou a escrita desse trabalho, o que se fez através da exibição de filmes/documentários, sobre temáticas raciais, com destaque para o universo quilombola. A exibição de vídeos foi o ponto pé inicial para a promoção das rodas de conversa com os jovens, uma vez que as narrativas dos vídeos exibidos se assemelhavam as suas realidades ao, o que estimulava a discussão que ocorria, principalmente porque era possível relaciona-lá com suas próprias experiências na Comunidade Caiana dos Crioulos. Puderam assim, compreender que não estão sozinhos, e as lutas de sua comunidade se identificam com as de outras, diferente do que pensavam.

Ficou evidente que plantamos uma semente quanto a educação dos jovens na perspectiva quilombola, visto que consideraram relevantes as questões que discutimos nas rodas de conversa. O desenvolvimento do projeto proporcionou aos jovens a compreensão de que são negros, quilombolas, o que representa o seu território, as lutas e resistências que ali foram travadas contra a opressão, e a favor da cidadania. Eles como sujeitos pertencentes a este lugar não tinham tal compreensão, e do seu papel histórico e político. Os jovens perceberam que nada ali é dado, tudo é um processo de construção que não cessou, pois após o reconhecimento e certificação da comunidade como território quilombola, o processo político não se estagnou na comunidade, e se manteve por meio das articulações e mobilizações em defesa do território e de efetivação das políticas para os quilombolas.

As rodas de conversa, se constituíram em momentos de falar sobre o que é ser negro e quilombola, de suas culturas, histórias, a partir das suas experiências na comunidade, fazendo com que pensassem em quem são na comunidade, se estão confortáveis e o que pretendem ser, o que querem alcançar? Os jovens de Caiana enxergaram que seu destino não é algo definido, está em construção, como foi visto no início do projeto. Seu futuro é seu lugar de fala. Mesmo que este seja um caminho a percorrer com dificuldades, não podem se furtar a seguir, e não podem se contentar com o que a sociedade lhes impõem como único destino possível em virtude de serem negros e quilombolas. Identificamos nos jovens a vontade de se auto libertarem do imaginário que vive na sociedade sobre ser negro e quilombola. Eles entenderam que sua história é bem além do que foi a escravidão e por serem quilombolas trazem nas ações a

resistência como prática.

REFERÊNCIAS

- ARRUTI, José Maurício. **Mocambo**: antropologia e história do processo de formação quilombola. Bauru-SP: EDUSC, 2006.
- BRASIL, Constituição Federal do. **Ato das Disposições Constitucionais Transitórias**. 1988. Art.68. Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/constituicao-supremo/artigo.asp?abrirBase=AD&abrirArtigo=68#:~:text=Art.&text=DISPOSI%C3%87%C3%95ES%20CONSTITUCIONAIS%20TRANSIT%C3%93RIAS-,Art.,emitir%20lhes%20os%20t%C3%ADtulos%20respectivos..> Acesso em: 11 de maio 2023.
- CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de (Orgs.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- CECNEQ, Aacade /. **Quilombos na Paraíba**. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por: <<http://quilombosdaparaiba.blogspot.com/p/mapas.html>>. Acessado em 02 maio 2023.
- CHAGAS, Waldeci Ferreira. **Revela-me e Não te Devoro**: juventudes e identidades em Caiana dos Crioulos - Alagoa Grande – PB. Campina Grande: UEPB, 2023. (Relatório Final do Projeto de Extensão).
- COSTA, Emília Viotti da. **A abolição**. São Paulo: UNESP, 2008.
- DELFINO, Jair; CUNHA JUNIOR, Henrique. Quilombos: Educação, resgate tradicional, patrimônio, espaço e territorialidade. In: SILVA, Samia Paula dos Santos; SANTOS, Marlene Pereira dos; CUNHA JUNIOR, Henrique; BIÉ, Estanislau Ferreira; SILVA, Maria Saraiva da; (ORGS.). **Afroceará Quilombola**. Porto Alegre- RS: Fi, 2018. Cap. 8. p. 157- 171.
- FREIRE, José Avelar. Alagoa **Grande**: sua história. João Pessoa: Idéia, 1988.
- GOMES, Flávio dos Santos. **Histórias de quilombolas**: mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro - século XIX. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995.
- GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo. **Os Negros do Matão**: etnicidade e territorialização. Campina Grande: EDUFCG, 2011.
- GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. Herança Quilombola: Negros, terras e direitos. pp.143-162 IN: BACELAR, Jeferson. CARDOSO, Carlos. **Brasil, um país de negros?** Rio de Janeiro: Pallas, 1999.
- HALL, Stuart. **A identidade Cultural da pós-modernidade**. São Paulo: Dp&A Editora, 2006.
- HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das Tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- . **Juventudes rurais**: mapas de estudos recentes. Brasília: MDA, 2005.

LEITE, Maria Jorge dos Santos. Tráfico Atlântico, Escravidão e Resistência no Brasil. In: **Sankofa. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana**, São Paulo, v. , n. , p. 64-82, ago. 2017.

LIMA, Hezrom Vieira Costa. Quilombos e Diáspora Africana: memórias das origens de Caiana dos Crioulos. In: ROCHA, Solange P.; GUIMARÃES, Matheus Silveira. **Travessias Atlânticas e a Paraíba Afro- Diaspórica: a Paraíba no pós-abolição e no tempo presente: racismos e trajetórias de resistências**. 2. ed. João Pessoa- Pb: Ufpb, 2018. p. 201-228.

LITTLE, Paul E. **Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma Antropologia da territorialidade**. Brasília, 2002.

MACENA, HLS. **Acesso às Políticas Públicas pelas Comunidades Quilombolas na Paraíba: uma análise das comunidades do Paratibe, Mítuaçu e Pedra D'água**. (Monografia de Graduação) UFPB/DGEOC João Pessoa, 2010.

MACHADO, Maria Helena. **O Plano e o Pânico Os Movimentos Sociais na Década da Abolição**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

MANNHEIM, Karl. O problema sociológico das gerações. In Foracchi, M.A (Org). Mannheim. **Coleção Grandes Cientistas Sociais**. São Paulo: Ática, 1982.

MATTOS, Hebe. "Remanescentes das comunidades dos quilombos": memória do cativo e políticas de reparação no Brasil. In. Revista da USP, São Paulo, v. 8, n. 8, p. 104-111, dez. 2006.

MOTA, Camilla Veras. **13 de maio: como dois Estados brasileiros aboliram a escravidão antes de 1888**. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-48234172>. Acesso em: 29 de maio 2023.

MORAES, Wallace de. **Por uma Filosofia Quilombola**. Realização de Cpdel/ Ufrjs: São Paulo: Youtube, 2023. Son., color. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qrVd_8TX_Ww. Acesso em: 19 de maio 2023.

MOURA, Clóvis. **Quilombos: resistência ao escravismo**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2020. 137 p.33.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1993.

PAIVA, Ricardo de; SOUZA; Vânia R. Fialho de P. e. **Caiana dos Crioulos, Alagoa Grande-PB. Relatório de Identificação**. Recife, Junho de 1998.

REIS, João José. **Quilombos e Revoltas Escravas no Brasil**. Povo Negro. USP-São Paulo, v. 28, n. 02, p. 14-39, dez. 1996.

RESENDE, André. **Cidade da Paraíba aboliu escravidão antes da Lei Áurea em 1888**. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/cidade-da-paraiba-aboliu-escravidao-antes-da-lei-aurea-em-1888-diz-pesquisador.ghml>. Acesso em: 29 maio 2023.

SANTOS, Maria Santana Ferreira dos; MARTINS, Leila Chalub. **Modos de Ser Jovem Quilombola na Contemporaneidade**: um estudo a partir das representações sociais. Ufu. Minas Gerais, p. 01-27. jan. 2012.

SOUZA, Wallace Gomes Ferreira de. Caiana dos Crioulos: Território e etnicidade. In: FONSECA, Ivonildes da Silva; COSTA, Marta Furtado da; CHAGAS, Waldeci Ferreira. **Estudo Étnico- Raciais na Educação Básica**. João Pessoa- PB: Imprell, 2006. p. 107- 118.

VANSINA, J. A tradição Oral e sua Metodologia. In: **História Geral da África**, I: Metodologia e pré- história da África/ editado por Joseph Ki-Zerbo. 2.ed. rev. Brasília: Unesco,2010.

VELOSO, Caetano. **Milagres do povo**. 2008. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/caetano-veloso/44749/>. Acesso em: 10 maio 2023.

WEISHEIMER, Nilson. Socialização e projetos de jovens agricultores familiares. In: ZIEGLER J. **Le povoirafricain**. Seuil, París, 1971.

ZADRA, Luiz. A vida vale uma festa: Crônica de uma festa de casamento em Caiana dos Crioulos, comunidade remanescentes de quilombos no interior da Paraíba. In. **Revista sem Fronteiras**: A igreja no Brasil aberta ao Mundo. N° 251, Junho 1997- pág. 05-13.